

# VÁLVULA DE FERRO OU DE CARNE

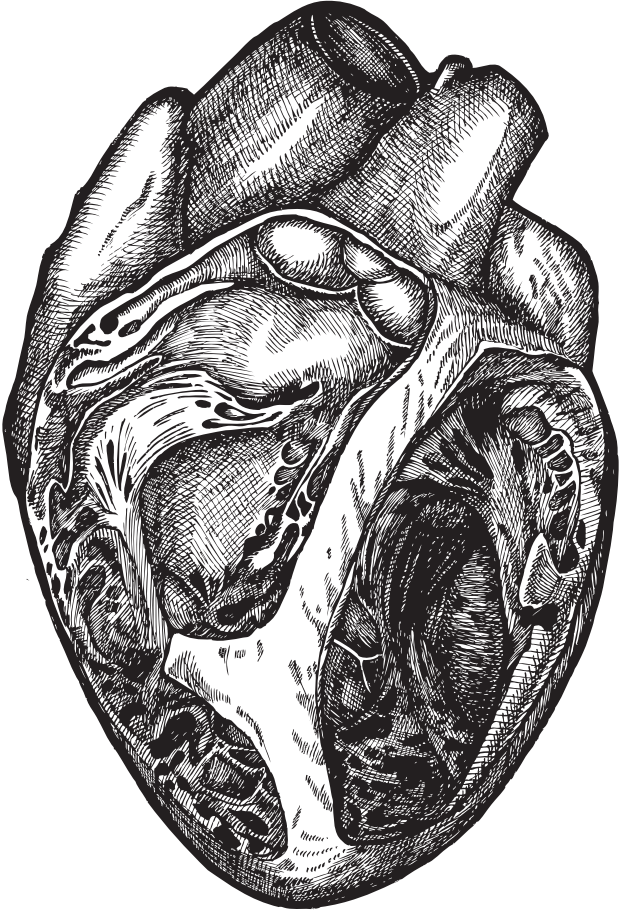


# *Válvula de ferro ou de carne*

LAÍS FERREIRA OLIVEIRA



MOINHOS





## O INÍCIO É SEMPRE UMA EXPLOSÃO

Forma ainda mais clara  
de nascer, quando um limite  
rompe-se, quando o leito  
claro de um rio se expande  
além das margens, quando  
o mar escava e derruba  
as cores de uma falésia.  
Assim, um útero resguarda  
em si todas as engrenagens  
de um vulcão, a força  
de quem aguarda secularmente  
o movimento das placas sob  
o chão, quando se acumula  
o calor à espera de nascer.  
Pouco a pouco, afina-se, reduz  
toda musculatura que tange  
a resistência ao primeiro grito.  
A vida escava, lentamente,  
um início: assim se chama  
luz o espaço entre duas  
membranas, o que cega  
no anúncio da maravilha.  
Um rosto aguarda dentre  
águas: entende submerso  
o quanto o ar pode queimar.  
E aprende a se expandir  
depois de dias se contorcendo  
na escuridão que germina.

## OS INCISIVOS QUE NÃO TOMBARAM

Ainda agora, tenho dois dentes  
de leite: resta o modo comum  
e antigo de uma infância,  
a possibilidade tardia de ter  
numa queda a projeção do sonho.  
Ainda, estes dentes cujas raízes  
não se fincam até o fundo  
da minha carne, não se firmam  
profundamente na minha gengiva.  
Eles ainda esperam e aguardam  
o tempo quando as raízes se  
desfaçam ou a superfície os marque  
com erosões ou com os ventos  
repentinos que derrubam as casas,  
desgrenham todos os fios de  
cabelos já grisalhos. Eles seguem  
feito as conchas cujas cascas  
permaneceram firmes e não  
envelheceram como o bicho  
que as deixou e cresceu ferozmente.  
Assim, contam-se silenciosas  
as histórias de outros mares,  
o tempo intacto de uma imagem.  
Nunca se sabe quem permanece:  
todas as folhas caídas no solo ou  
os incisivos que não tombaram.

Nenhum homem pode esmagar  
uma bactéria com os dedos.

Nenhum pôde matar a bactéria  
com as mãos, apesar de ser  
tão pequena, apesar dos dedos  
serem maiores que as bactérias.

Um dedo pode levar muitas  
bactérias na pele, pode guardar  
tantas coisas invisíveis. Ainda  
assim, não é possível destruir  
uma bactéria com os olhos  
abertos. Há coisas menores  
que os homens, há coisas  
maiores que os homens.

Nenhum homem pode esmagar  
uma bactéria com os dedos,  
mas todos os homens podem  
destruir um amuleto, uma carta  
rasgada antes de ser entregue,  
uma palavra de amor. Todos  
os homens podem destruir  
uma palavra de amor, embora  
ela também seja invisível, ainda  
que não saibamos quantas letras  
de amor cabem nas mãos de  
alguém. Há uma semelhança entre  
as bactérias e as palavras  
de amor. Nunca se sabe direito  
como se instalam, nunca se



sabe como crescem e invadem  
um corpo, uma casa, uma vida  
de forma invisível. Ainda assim  
é mais fácil destruir uma palavra,  
os dedos podem sim chegar  
até as pontas dessas palavras,  
até a raiz de qualquer frase  
deixada nas duas mãos vazias.  
Nenhum homem pode esmagar  
uma bactéria com os dedos,  
ninguém nunca viu o corpo  
das palavras mortas de amor.

Todos os olhos são ébrios:  
há água nos modos subterrâneos,  
no verso dentre uma cartilagem  
cricoide. Sabe-se um pouco  
do modo de mensurar a assimetria  
dos pulmões, o som identificado  
quando o ar segue comum,  
quando o murmúrio, os ruídos  
e os batimentos se partilham.  
Outras vezes, roncam: há frio  
e toda a gente caminha  
entre o cansaço e o espanto.  
Percutimos ainda sobre os dedos:  
sabemos da ressonância do toque,  
e como um órgão vibra mais  
ou menos a partir daquilo  
acumulado por anos e anos.  
É possível, também, reunir  
as palmas das mãos, construir  
uma concha, ter num intervalo  
o som do mar próximo ao nosso rosto  
ou o telhado de uma casa inventada.  
Nunca se sabe onde se registram  
as imagens de um escafandrista,  
o que murmuram as membranas  
e as escamas acostumadas  
às tormentas e ao sal. E ainda  
tentamos permanecer submersos  
no tempo suficiente para mapear  
o brilho dos mistérios abissais.

Escreveu Walter Benjamin:

*Alguém na terra está à nossa espera.*

À cada geração, o passado  
dirige um apelo, a força  
de um pedido de redenção.  
O tempo deveria ser o gesto  
da claridade, o olhar atento  
próximo aos vestígios da dor.  
Nos desertos, todos os ossos  
têm do cálcio a natureza  
brilhante e guia da estrela:  
apontam quando há escuridão.

Com o queixo à mostra,  
as línguas afiadas removem  
as pegadas da areia. À beira  
da praia um homem replanta  
uma cruz  
contrária ao esquecimento.  
Ainda hoje, estremecem  
os braços dados aos nossos mortos.

Aqui e agora, esperamos  
do futuro  
alguém que nos valha, o modo  
de colher das cruzes o sumo  
de uma humanidade outra:  
escovar a contrapelo a pele  
de pulmões colabados, reter  
o modo comum de respirar.

## DAS EROSÕES E DAS FALÉSIAS

Durante o tempo, aprendi  
com o *I ching* e as lâminas  
de tarot  
que no caminho entre  
a sorte e o azar  
serei eu quem andaré.  
Todas as nuvens  
assumem as formas  
(os medos)  
guardadas em nossas íris.  
Há, sempre, o aviso  
dos terremotos e das erupções  
na nossa pele, nas marcas  
das dermatites sem nome  
que escavam todos os pontos  
(as regiões)  
de sustentação e de fuga.  
Também a epiderme  
resguarda  
a rota dos ventos, o ímpeto  
das erosões e das falésias.  
Revela-nas falanges  
dos dedos  
tudo que a memória esquece.

O corpo ainda  
resplandece  
e sussurra, mais uma vez,  
baixo:  
há mistério ainda, há  
toda a natureza da paixão.  
Acima dos rostos insones,  
perdem-se os nomes  
e se veem as esquinas onde  
o corpo é só corpo.  
São grandes eventos  
os eclipses e os solstícios –  
a possibilidade de enxergar  
a dança da luz e da sombra.  
Também o desejo emerge  
e irrompe sobre a superfície  
das manhãs sempre iguais.  
Nos olhares que se encontram,  
uma órbita se inaugura  
sem previsão de retorno.  
E seguem atônitos os amantes  
à espera de uma estrela,  
cuja gravidade possa  
– uma vez mais –  
atraí-los para qualquer eixo.  
Expandem-se o universo:  
é explosiva a natureza entre  
o que nasce, vive e morre.

## PARA SE LANÇAR À ÁGUA

Para que esta vida prossiga,  
é necessário que o sangue  
corra  
por vasos finos, dentro de  
válvulas e de câmaras.  
Para que esta vida prossiga,  
até mesmo as células  
diferenciam-se com o tempo.  
Mudam de nome, de forma,  
de local  
feito quem assume todos  
os riscos  
de nascer dentro da rigidez  
para se lançar à água.  
Para que esta vida prossiga,  
é necessário reconhecer  
simultaneamente  
a origem do que nos ameaça:  
talvez siga ainda do lado  
de fora,  
talvez se combine indelevelmente  
com nosso corpo, modifique  
nossas vigas, todas as formas  
mais velhas de construir.

Vi ainda uma vez em um filme  
de Jonas Mekas uma cartela  
que ressoa, como ecoam os discos  
que arranharam, todos os mantras  
em nossa garganta desesperada:

*Happiness equals beauty.*

Assim deve ser a órbita do coração  
dos que partem, dos que se exilam  
em cidades estranhas e colecionam  
imagens e lembranças na dimensão  
do ar do pulmão em um escafandrista  
que precisa controlar o quanto responde  
às variações de pressão sobre si.  
A beleza é ainda um talismã coberto  
de areia e são nossos os dedos áridos  
a poli-los, feito quem escava profundidades  
à procura de um espelho. A beleza  
segue ainda como âncora, no fundo  
onde já não se sabe ao certo o limite  
da casca desse navio e quando  
se organizam as forças do empuxo  
para que não seja o próprio peso  
uma bigorna que o naufrague. Também  
notei a forma cruel que a beleza ofusca  
e o excesso de claridade dentre brumas  
fatigadas de escadas e insígnias. A luz  
inscreve sempre: reconhecemos o rastro

nos papéis de prata, nas imagens mágicas  
cujos símbolos contam do limite tênue  
de nossas ruínas desmascaradas  
e o brilho quase ofuscado do espírito.